Ficaria na Galiza a cidade de Celtica Flavia?

Autor(es): Alarcão, Jorge de

Publicado por: Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/37857>

DOI: DOI:http://dx.doi.org/10.14195/1647-8657_49_1

Accessed : 26-Apr-2023 16:26:30

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.

CONIMBRIGA

INSTITUTO DE ARQUEOLOGIA

VOLUME XLIX • 2010

FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA

JORGE DE ALARCÃO

Professor Catedrático Aposentado da Faculdade de Letras de Coimbra

Membro do Centro de Estudos Arqueológicos das Universidades de Coimbra e Porto

FICARIA NA GALIZA A CIDADE DE *CELTICA FLAVIA*?

“Conimbriga” XLIX (2010) p. 7-14

RESUMO: O nome *Celticoflaviensis*, correspondente a uma *civitas*, encontra-se em duas inscrições funerárias de Astorga e da região de Salamanca. O autor sugere para esta *civitas* uma localização na Galiza, em território de *Celtici Neri*, *Praestamarci* ou *Supertamarci*.

RESUMÉ: Le nom *Celticoflaviensis*, correspondant à une *civitas*, se trouve dans deux inscriptions funéraires d’Astorga et de la région de Salamanque. L’auteur suggère pour cette *civitas* une situation dans l’actuelle Galice, en territoire de *Celtici Neri*, *Praestamarci* ou *Supertamarci*.

(Página deixada propositadamente em branco)

FICARIA NA GALIZA A CIDADE DE *CELTICA FLAVIA*?

Duas inscrições romanas, uma achada em Aldea Tejada, a três quilómetros de Salamanca, e a outra em Astorga, mencionam *Celticoflavienses*. A primeira, publicada em CIL II 880, diz assim: *DMS. Amme Festi f(iliae) Albocolensi an(norum) XXIII Cassius Vegetus Celticoflaviensis uxore piaef(aciendum) c(uravit)*. A segunda, dada a conhecer por Sónia M.^a García Martínez e Patrick Le Roux (1996), contém o seguinte texto: [...] *Su[nu]ae f(ili-) an(norum) XXIII [Do] quirus Doci (filius) [Ce]lticoflaviens(s) de suo f(aciendum) c(uravit)*.

Testemunhando a existência de uma cidade *Celtica Flavia* (ou *Celticum Flavium*?), as duas inscrições põem dois problemas: a cidade chamar-se-ia só *Celtica Flavia* ou estes são *cognomina*, estando omitido o nome próprio da cidade? E onde ficaria tal cidade?

Não podendo, à partida, excluir a hipótese de a cidade ter, como nome próprio, o de *Celtica*, e de *Flavia* ser o *cognomen* que atestaria a sua promoção jurídica na época flaviana, manteremos, por enquanto, a dúvida e voltaremos mais abaixo ao assunto. Onde ficaria, porém, tal cidade?

Sónia M.^a García Martínez e Patrick Le Roux, observando que o antropónimo *Doquirus* se encontra com frequência nos distritos de Castelo Branco e Viseu, bem como na região de Trujillo (Cáceres), e que o nome *Sunua* se acha bem representado nos distritos de Viseu, Guarda, Castelo Branco e na província de Cáceres, sugeriram a localização de *Celticum Flavium* ou *Celtica Flavia* nesta vasta área, com preferência para as regiões de Viseu, Guarda ou Covilhã. Chamaram ainda a atenção para a fórmula *de suo f(aciendum) c(uravit)*, que, não sendo comum em inscrições funerárias, se encontra em Badajoz e Trujillo. Poderíamos acrescentar que também se regista em *Egitania* (SÁ, 2007, n.^{os} 113, 138 e 195).

O nome de *Sunua* talvez se deva excluir como pista para a localização de *Celtica Flavia*. Com efeito, na inscrição de Astorga não se diz que *Sunua* era celticoflaviense. Esta naturalidade era a do dedicante, *Doquirus*, filho de *Docus*; e este pode ter erguido a lápide funerária a alguém (cujo nome ignoramos) que seria filho ou filha de uma *Sunua* não celticoflaviense. Quanto ao celticoflaviense de CIL II 880, o nome de *Cassius Vegetus* não dá qualquer pista utilizável para a localização da cidade. *Docius* (ou *Docus*) e *Docia* registam-se no distrito de Bragança e nas áreas de Astorga e Zamora, para além de Trujillo (ABASCAL PALAZÓN, 1994 e *Atlas Antroponímico*).

As duas inscrições em causa contêm ainda outra singularidade: em ambas são os dedicantes, e não as pessoas a quem as lápides foram dedicadas, que se declaram celticoflavienses. O normal, quando se indica a *origo* em inscrições funerárias, é que ela seja a do indivíduo a quem se dedica a lápide. No distrito de Castelo Branco, só encontramos caso similar em *Egitania*, numa inscrição erguida a *Valgia Flacilla* por um *M(arcus) Allacarius Paullianus*, que se declara *Conimbrigensis* (SÁ, 2007, n.º 109). Mas não fizemos pesquisa nos distritos da Guarda ou Viseu, nem na área de Trujillo, até por duvidarmos de que este pormenor possa ser verdadeiramente significativo e contribua para ajudar-nos a esclarecer a situação de *Celtica Flavia*.

Sem rejeitarmos liminarmente a hipótese de localização proposta por Sónia M.^a García Martínez e Patrick Le Roux, que, à primeira vista, parece sensata, não deixaremos de observar que, sendo essa a localização de *Celtica Flavia*, devíamos encontrar o nome na inscrição da ponte de Alcântara, CIL II 760. Entre outros nomes, esta inscrição recorda exactamente as *civitates* que ficavam nas áreas da Covilhã, Guarda e Viseu.

Por outro lado, parece suspeita a existência de uma *Celtica Flavia* em área onde não temos atestada a presença de *Celtici*. É certo que Plínio 3, 13 diz que *Celtici a Celtiberis ex Lusitania aduenisse manifestum est sacris, lingua, oppidorum uocabilis quae cognominibus in Baetica distinguuntur*, “é evidente pela religião, pela língua e pelos nomes das cidades (as quais, na Bética, se distinguem pelos cognomes) que os Célticos procedem dos Celtiberos e vieram da Lusitânia”. Pensando neste passo, poderíamos admitir uma *Celtica Flavia* na Betúria Céltica ou no Nordeste alentejano.

Inés Sastre Pratts (2002: 108-109, nota 1) sugeriu a localização de *Celtica Flavia* na província de Salamanca. Não nos parece que a inscrição CIL II 880 possa fundamentar tal opinião.

Vamos considerar a hipótese de *Celtica Flavia* se localizar no extremo noroeste da *Callaecia*.

Se, em vez de nos centrarmos na onomástica pessoal, atentarmos no nome de *Celtici* (porque uma cidade *Celtica Flavia* ou *Celticum Flavium* seria normal em território de *Celtici*), logo nos ocorrem os *Celtici* do Noroeste.

Referindo-se a esta área, e depois de citar o Promontório Céltico, Plínio 4, 111 menciona os povos que aí viviam: *Celtici cognomine Neri et Supertamarci, quorum in peninsula tres arae sestianae Augusto dicatae, Copori, oppidum Noeca, Celtici cognomine Praestamarci, Cileni*, “os Célticos, por sobrenome Nérios e Supertamarcos, em cuja península ficam as três Aras Sestianas, dedicadas a Augusto; os Coporos, a povoação de Noega, os Célticos por sobrenome Prestamarcos e os Cilenos”.

Mela III, 1, 11 refere os mesmos *Neri, Praestamarci* e *Supertamarci*, mas sem expressamente dizer que se trata de *Celtici*. Existe consenso, porém, em considerar que estes três *populi* eram *Celtici*, eventualmente vindos do sul, numa expedição ou invasão de que Estrabão III, 1, 3 e 5 deu notícia (TRANOY, 1981: 58-59).

Diz Mela: *Partem qua prominet Praesamarci habitant perque eos Tamaris et Sars flumine non longe orta decurrunt Tamaris; secundum Ebora portum, Sars iuxta turrem Augusti titulo memorabilem cetera Supertamarici Nerique incolunt in eo tractu ultimi, hactenus enim ad Occidentem versa litora pertinent*, “A parte que se eleva habitam-na os Prestamarcos e por entre eles desembocam o *Tamaris* e o *Sars*, rios que não nascem longe; o *Tamaris* termina detrás do mesmo porto de *Ebora* e o *Sars* perto da torre famosa por seu sobrenome de Augusta. Nas terras mais além vivem os Supertamarcos e os Nérios, os últimos deste sector, pois até aqui se estendem as terras voltadas a ocidente.”

O *Promontorium Celticum* de Plínio, correspondente ao *Nérion akrotérium* de Ptolemeu, seria o cabo Touriñan, o Finisterra ou o Ortegal (GARCIA ALONSO, 2003: 143-144).

Em Astorga ou na sua região, algumas inscrições testemunham a emigração de *Supertamarci* para essa área (CIL II 2092=5667; CIL II 2904=5081; *AE*, 1976, n.º 286; *Hisp. Ep.*, 11, 2005, n.º 281).

Os *Pestamarcos* encontram-se ainda mencionados no *Parochiale Suevum* dos fins do séc. VI (aliás, com os *Celticos*), na versão do

Liber Fidei da Sé de Braga (COSTA, 1965 e 1978, docs. n.ºs 11 e 551). Aparentemente, nestes documentos, tais nomes estão incluídos em interpolações muito tardias (do séc. XI?). Talvez nunca tenham existido como “paróquias” suevas e tenham sido retirados de fontes antigas por algum escriba ou notário erudito. Mas, pelo menos na segunda metade do séc. X, o nome *Celtigos* correspondia a uma realidade, pois se encontra em dois documentos do mosteiro de Celanova (ANDRADE, 1995, docs. n.ºs 2 e 478). Uma pesquisa sistemática da documentação altomedieval da Galiza descobriria certamente outras referências aos *Celtigos*, se não também a *Prestamarcos* e *Supertamarcos*.

Põe-se-nos o problema de saber se *Celtici Neri*, *Celtici Praestamarci* e *Celtici Supertamarci* terão sido (na época dos Flávios?) fundidos numa única *civitas*, eventualmente com capital em *Celtica Flavia* (ou *Celticum Flavium*) ou se cada um destes *populi* deu origem a uma *civitas*. Neste último caso, de que *civitas* seria *Celtica Flavia* a capital?

As inscrições de Astorga, que registam *Supertamarci* a par com *Celticoflavienses*, sugerem que devemos excluir a identificação de uns com outros. Os *Supertamarci* terão constituído uma *civitas*, designada por etnónimo, como o foram muitas outras *civitates* (designadamente as que figuram na inscrição da ponte de Alcântara). O *oppidum* que lhes terá servido de capital poderá ter tido, porém, nome próprio, sem relação com o etnónimo.

A ausência dos nomes *Neri* e *Praestamarci* em inscrições (ou a sua não atestação até agora) permite a hipótese de os dois *populi* terem sido fundidos numa única e mesma *civitas*, cuja capital seria exactamente *Celtica Flavia*. Mas também não podemos excluir a hipótese de os dois *populi* terem sido convertidos em duas *civitates* autónomas, uma das quais teria *Celtica Flavia* por capital.

Voltando ao *Parochiale Suevum* e aos documentos do mosteiro de Celanova, podemos admitir que os *Celtigos* eram os herdeiros dos antigos *Celticoflavienses* e que os *Pestemarcos* o eram dos antigos *Praestamarci*. A ausência do nome Nérios nesses documentos reforça a ideia de *Neri* e *Praestamarci* terem sido fundidos numa única *civitas*, com predominância dos segundos.

Mas onde poderia ficar, exactamente, *Celtica Flavia*?

O *Itinerário de Antonino* regista, na estrada de *Bracara Augusta* a *Lucus Augusti*, as seguintes estações viárias:

<i>Aquis Celenis</i>	CLXV MP
<i>Vico Spacorum</i>	CXCV Stadia

<i>Ad Duos Pontes</i>	CL <i>Stadia</i>
<i>Glandimiro</i>	CLXXX <i>Stadia</i>
<i>Atricondo</i>	XXII MP
<i>Brigantium</i>	XXX MP

Com excepção de *Bracara Augusta* (Braga), *Aquis Celenis* (Caldas de Reis) e *Brigantium* (Corunha), a identificação destes lugares é controversa (PÉREZ LOSADA: 2002; RODRÍGUEZ COLMENERO *et alii*: 2004; TIR, Hoja K 29: Porto).

Vico Spacorum, *Ad Duos Pontes* e *Glandimiro* terão sido povoações litorais, visto as distâncias serem dadas em *stadia*. *Atricondo* seria povoação ou estação viária interior.

Alguns manuscritos do *Itinerário de Antonino* registam *Trigondo* em vez de *Atricondo*. Admitindo, por hipótese, que *Tricondo* seja forma mais correcta, mas, ainda assim, deformada ou evoluída, teríamos um nome *Tricondum*, *Tricondium* ou *Tricontium*? O elemento *Tri-* exprimiria triplicidade? Teremos aqui povoação que, em algum tempo, foi lugar central dos três Célticos, *Neri*, *Praestamarci* e *Supertamarci*?

Os habitantes de *Tricondum* poderiam ser chamados *Tricondini*. Mas a consciência de que *Tri-* era prefixo pode, eventualmente, ter justificado que, em algum tempo, se tenha usado simplesmente o nome *Condini*. Este teria dado o de *Contenos* que surge, no *Parochiale Suevum*, como nome de uma paróquia da sé de Iria (DAVID, 1947: 42).

A hipótese de *Tricondum* ter sido *Celtica Flavia* talvez mereça consideração. Nesse caso, o nome completo seria *Tricondum Celticum Flavium*. Nas duas inscrições que recordam *Celticoflavienses*, ter-se-ia omitido o nome próprio da cidade.

Mesmo admitindo a hipótese de *Tricondum* ter funcionado, em algum tempo, como lugar central dos três Célticos do Noroeste, não podemos, porém, deixar de admitir também a hipótese de *Celtica Flavia* ou *Celticum Flavium* não ter sido cognome de *Tricondum* e ter ficado noutro lugar do Noroeste.

Admitindo que *Celtica Flavia* ficaria no extremo noroeste da Galiza, não podemos, porém, ignorar que o antropónimo *Doquirus* só foi, até agora, registado numa única inscrição dessa província (PEREIRA MENAUT, 1991: nº 28). Mas será isso suficiente argumento para contrariar a localização que propomos?

REFERÊNCIAS

- ABASCAL PALAZÓN, Juan Manuel (1994) – *Los nombres personales en las inscripciones latinas de Hispania*. Murcia: Universidad
- ANDRADE, José M. (1995) – *O Tombo de Celanova*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega
- Atlas Antroponímico = Atlas antroponímico de la Lusitania romana*. Mérida: Fundación de Estudios Romanos/ Bordéus: Ausonius Editions, 2003
- COSTA, Avelino de Jesus da (1965 e 1978) – *Liber Fidei Sanctae Bracarensis Ecclesiae*. Tomo I (1965) e II (1978). Braga: Junta Distrital de Braga
- DAVID, Pierre (1947): *Études historiques sur la Galice et le Portugal du V^e au XI^e siècle*. Lisboa: Livraria Portugal/ Paris: Les Belles-Lettres
- GARCÍA ALONSO, Juan L. (2003) – *La Península Ibérica en la Geografía de Claudio Ptolomeo*. Vitória/Gasteiz: Universidad del País Vasco
- GARCÍA MARTÍNEZ, Sónia M.^a e LE ROUX, Patrick (1996) – “Un nuevo testimonio sobre *Celticum Flavium* en *Asturica Augusta* (Astorga, León)”. *Conimbriga*, Coimbra, v. 35: 59-67
- GARCÍA MARTÍNEZ, Sónia M.^a – “Una Celtica Supertamarca en Andíñuela (León)”, *Conimbriga*, 36 (1997): 95-101
- PEREIRA MENAUT, Gerardo (1991) – *Corpus de inscripcíons romanas de Galicia. I. Provincia de A Coruña*. Santiago de Compostela
- PÉREZ LOSADA, Fermín (2002) – *Entre a cidade e a aldea. Estudo arqueohistórico dos “aglomerados secundários” romanos en Galicia*. Corunha (= *Brigantium*, 13)
- RODRÍGUEZ COLMENERO, António *et alii* (2002) – *Miliários e outras inscripcíons viárias romanas del Noroeste hispânico*. Santiago de Compostela: Consello da Cultura Galega
- SÁ, Ana Marques de (2007): *Civitas Igaeditanorum. Os deuses e os homens*. Idanha-a-Nova: Câmara Municipal
- SASTRE PRATTS, Inés (2002) – *Onomástica y relaciones políticas en la epigrafía del conventus Asturum durante el Alto Imperio*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas (= *Anejos de Archivo Español de Arqueología*)
- TIR = *Tabula Imperii Romani. Hoja K-29: Porto*. Madrid: Consejo Superior de Investigaciones Científicas
- TRANOY, Alain (1981) – *La Galice romaine. Recherches sur le nord-ouest de la peninsule ibérique dans l'Antiquité*. Paris: Éditions De Boccard